

PUNIÇÕES

O verão chegou, aparecem os primeiros cajú, cantam as primeiras cigarras. E chegou também um avião da Panair trazendo boa carga de amizades: Santa Rosa, Roberto Assumpção, Joel Silveira e principalmente Danuza Leão, todos vindos de Paris, onde está nevando. Aconselhei-os a ver o "show" do Casablanca, onde hoje domina Carlos Machado, e Paulo Soledade fez uma boa história do samba, com Linda Batista excelente e com uma grande novidade que é Ataulfo Alves com suas pastorinhas. Não deixem de ver o negro, e como ele canta e pastoreia suas mulatinhas com alta dignidade, Santa Rosa, de resto, veio preparado para essas eventualidades porque em Paris se abriu uma "boite" com música brasileira, "La Macumba", e ele tomou conta dela, por assim dizer.

Fora disso há um certo frenesi punitório neste país de suaves tradições. Os juizes estão nervosos; é possível que eles tenham razão, mas isto é um sinal dos tempos. Depois daquele que decretou a prisão preventiva do sr. Lowndes, o que mandou prender Carlos Lacerda e principalmente esse que condenou a 120 dias de prisão Elvira Pagã. Sei que Elvira não é exatamente o que se chama uma perfeita lady, mas espero que o tribunal seja mais suave do que o juiz, que, segundo me parece, avançou um tanto, ao julgar até dos méritos artísticos da moça, um assunto que está fora dos domínios de sua toga.

De todas as punições a mais estranha não é feita por um juiz, mas por um ministro, o interino sr. Pimentel Brandão. Nada do que se sabe sobre as aventuras do sr. Hugo Gouthier em Teerã, e que o próprio ministro alega e divulga, constitui falta ou crime. Por que puni-lo, contra todos os hábitos do Itamarati, e ainda mais no momento em que o ministro efetivo está ausente e o Senado Federal se apresta a tomar conhecimento do caso? As iniciativas do sr. Gouthier poderiam ser, no máximo, motivo para uma censura ou advertência; a punição é tão violenta que induzirá certamente todos os nossos representantes no estrangeiro a fazer o que a maioria, em geral, habitualmente faz: nada. Apenas a rotina, o essencial, o inevitável e fora isso o que há de fazer é — como naquele sábio conselho, que citei outro dia, de uma representante que não queria perder seu posto — "faire le mort".

Ora, em vista de tudo isso concito os leitores a proceder direito, dormir cedo, tomar laranja, amar o próximo como a si mesmo porém não a mulher dele como à sua própria. Os juizes estão zangados, e com homem de sala não se briga, nem se brinca.

R. B.

5-12-52